

Carlos

Desde que se alistara como legionário aceitara a inevitabilidade da existência tal como ela é. Há batalhas e mortos, lutas e trevas, palácios e cavernas, barracas de lata. Ouvira no Brasil uma descrição curiosa sobre a tarefa dos arquitectos. “Devem fazer palácios parecidos com casas, vistas do exterior. Palácios no interior, mas com aspecto modesto para quem as observa das ruas. Assim, não suscitam invejas. As pessoas também podem ser enganadas, podem ser oferecidas como prendas”, dissera o homem. Ele (o homem) já oferecera pessoas. Mas isso faz-se desde a Antiguidade, há quem tenha oferecido escravos como prenda, no fundo os outros acharam sempre esse facto natural. Vista de dentro, a casa deste homem, era muito maior do que parecia, da rua. Lá dentro, umas autênticas escravas contemporâneas serviam-no, praticamente só em troco da comida. Também ninguém se incomodava com isso. O Brasil e tantos outros locais são assim. Na legião combate-se por uns interesses obscuros, oficialmente os “interesses da França.” A França terá interesses, independentes dos interesses dos franceses? E a Rússia, foi bem governada, embora contra os interesses dos russos? Quantas França, Rússias, Chinas e Turquias existem e existiram sempre? De qualquer modo, sentado numa beira de estrada algures em África, Carlos pensava sobre o que fora a sua vida. Porque estava ele ali e não outro? Por motivos inconscientes? Mas é possível raciocinar sobre o “inconsciente”? Não será isso uma contradição? Não adiantava, não interessa a ser algum. Temos pouca pena dos outros, porque também não têm pena de nós. Às vezes achamos que aqueles que reclamam piedade são piegas, é preciso enfrentar a vida com objectividade, mesmo que isso não nos conduza mais longe do que aquilo a que nos tem conduzido. Carlos acabara de dizer isso ao seu capitão, que lhe respondeu. “De facto, o mundo não se incomoda contigo, nem comigo, nem nós com os outros. Como me disse um antigo mestre, «os mortos não mordem». São poucos os que vislumbram o futuro, como Cipião, que chorou enquanto Cartago ardia, dizendo que chorava porque um dia «Roma arderia assim». Se fores feliz, não agradeças, porque terias de agradecer à sorte.”

Carlos Mota